

## CAPÍTULO 5

### Taylorismo e Fordismo

*O engenheiro Frederick Winslow Taylor, norte-americano, viveu entre 1856 e 1915 e defendeu uma administração científica para e nos locais de trabalho. Seus estudos e propostas baseavam-se em quatro princípios fundamentais: o princípio da necessidade de planejamento; o princípio das vantagens de bem formar os trabalhadores; o princípio do controle e o princípio da execução.*

A esteira na linha de produção permite que cada operário se especialize numa única tarefa. Especialização pressupõe ganhos de tempo, daí o aumento da produtividade e o barateamento do preço de venda do produto. Henry Ford, um dos pioneiros da indústria automobilística norte-americana no início do século XX, pode ser considerado como alguém que aprofunda as idéias de Taylor. Afirmava que seria capaz de construir um carro tão barato que até mesmo o operário que o construiria seria capaz de adquiri-lo. O modelo Ford – T começou a ser construído quando Henry Ford introduziu em suas fábricas as *linhas de montagem*, em que o automóvel ainda não montado era colocado em *esteiras* rolantes e cada operário realizava uma operação. Esse mecanismo pressupunha altos investimentos e grandes instalações: em contrapartida, o ritmo de produção de fato criava impacto nos preços de venda.

O *fordismo* significava então uma maneira de produzir – chamada de produção em série – bastante padronizada e permitiu que Henry Ford produzisse mais de dois milhões de exemplares do modelo T ao longo da década de 1920. As décadas de 1950 e 1960 foram, no plano mundial, o período de auge desse tipo ou modelo de produção industrial. Essas décadas ficaram conhecidas na história do capitalismo como *os anos dourados*. A crise sofrida pelos Estados Unidos na década de 1970 foi interpretada

como uma crise do próprio modelo, que apresentava quedas de produtividade e lucros. À medida que essa década encontra um poderoso renascimento da indústria japonesa, fala-se de uma substituição do modelo *fordista* pelo *toyotismo* japonês que proponha mais iniciativa aos operários e uma produção mais *flexível*, quer dizer, mais capaz de se adequar ao ritmo das encomendas, assim como mais flexível às diferentes aspirações dos clientes.

Em linhas gerais a crítica ao *fordismo* é muito identificada com uma *alienação* do trabalho simbolizada pela piada do operário cujo sonho, no dia que se aposentar é...ir até o final da linha de montagem para ver o que existe lá. Outra crítica se relaciona com a imposição de ritmos de trabalho muitas vezes esgotantes. No mundo do trabalho de hoje, exemplos como o limite que existe nos supermercados para as vezes em que a “caixa” pode ir ao banheiro, são de alguma maneira “ecos” desse controle taylorista e aceleração fordista.

### TEMPOS MODERNOS, DE CHARLES CHAPLIN



Um operário de uma linha de montagem, que testou uma "máquina revolucionária" para evitar a hora do almoço, é levado à loucura pela "monotonia frenética" do seu trabalho. Após um longo período em um sanatório ele fica curado de sua crise nervosa, mas desempregado. Ele deixa o hospital para começar sua nova vida, mas encontra uma crise generalizada e equivocadamente é preso como um agitador comunista, que liderava uma marcha de operários em protesto. Simultaneamente uma jovem rouba comida para salvar suas irmãs famintas, que ainda são bem garotas. Elas não tem mãe e o pai delas está desempregado, mas o pior ainda está por vir, pois ele é morto em um conflito. A lei vai cuidar das órfãs, mas enquanto as menores são levadas a jovem consegue escapar.